

The background of the cover is a digital illustration of a narrow, misty street in a city. On the left and right sides, there are tall, dark buildings with windows. In the center of the street, a large tree stands. The left side of the tree's canopy is filled with white blossoms, while the right side has golden-yellow leaves, suggesting a transition between seasons. A bright, ethereal light emanates from the top of the tree, shining down the street. The overall atmosphere is mysterious and somewhat melancholic.

J. L. S. LUCIEN

AMOSTRA

**O CÃO, O GATO
E A BORBOLETA**



J.L.S. LUCIEN

AMOSIRA

**O CÃO, O GATO
E A BORBOLETA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

J. L . S. Lucien

O Cão, o gato e a borboleta / J. L . S. Lucien. --
Petrópolis, RJ : Ed. do Autor, 2026.

ISBN 978-65-01-97964-9

1. Ficção brasileira I. Título.

26-342252.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB -
SP-010133/O

ISBN 978-65-01-97964-9

Direitos Autorais registrados
Câmara Brasileira do Livro - 2026

Os personagens e eventos retratados nesta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas reais é mera coincidência.

Ao leitor

*Este livro não foi escrito apenas para ser lido.
Foi escrito para ser atravessado.*

*Se em algum momento estas páginas lhe parecerem um mar —
ora calmo, ora tempestuoso —
não tenha pressa de chegar à outra margem.*

*Caminhe devagar pelo Beco.
Escute os silêncios.
Repare nos pequenos gestos.*

*Talvez, em algum momento desta travessia,
esta história deixe de ser apenas minha
e você encontre algo que também seja seu.*

*E, se ouvir com atenção,
o Beco ainda poderá sussurrar seu nome.*

SUMÁRIO

Sumário	6	Sombras de Cor, Sinais de Luz.....	134
Avenida do Silêncio	1	A Manta, a Fome e o Espanto	138
O Limiar Entreaberto.....	3	A Sombra e o Riso	
Ecos de Poeira e Sombras	5	Inesperado	144
Do Tempo e da Escuridão	8	O Frio, o Medo e um Breve Calor.....	152
Um Caminho sem Caminho	10	Asas Gélidas e o Convite do Vento.....	156
Folhas que Dançam e Segredos Vermelhos.....	12	Arrepios, Esforço e Segredos.	161
Ecos de Mim Mesmo	16	Cuidado e Calor Entre Inas, Óis e Tans	165
Passagem Entre Árvores Ausentes	19	Entre Pesos, Silêncios e Cuidado.....	173
Naquela Rua Sem Nome.....	26	Apetite, Aconchego e Gentileza	178
Entre Aromas, Luz e Sorrisos....	31	Dor, Toque e Calor	186
No Ar Marinho o que Me Falta	35	Batismo, Presença e Afeto	196
Rastros de Memórias e Poeira...	43	Raízes, Presenças e Pertencimento	205
Lembranças e Ausências Esquecidas	52	Entre Folhas e Galhos, Asas e Luz.....	209
Corpo de Tijolos, Alma de Concreto	57	Entre Nomes Não Dados	220
Despertar Entre Lençóis e Poeira	59	Mesmices, Ausências e Quase Eu.....	225
Risos Jovens, Silêncio Velho	66	Poeira no Chão, Grito no Ar..	229
Fome, Riso e Resistência	71	Passado que Guarda Meu Presente	236
Ecos que Deixam de Escapar.....	75	Frio, Sono, Folha e Coração ...	245
Sussurros, Flores e um Nome Perdido	79	Entre o Abismo e a Ausência	253
Não Disfarçado de Espera	85	Travessia de Sombras, Dor e Esperança	259
O Beco do Esquecimento	91	Gestos, Tempo e Ritmos.....	267
Árvore Entre Giz e Sombras.....	95	Intervalo Entre o Calor e a Ansiedade	272
Coração do Tempo	100		
Telhados de raízes.....	104		
Escuridão Branca	109		
Ausência Despedaçada	117		
Crisálida de Neve	124		
O Azul Frágil.....	129		

Distância, Desalinho e Atenção	276
Entre o Infinito e a Permanência	281
Amanhecer, Leveza e Biscoitos	285
Ferro, Asas e Ternura	290
Luz Entre Grito e Distância	295
O Nada, a Lasca e o Silêncio	302
Rastro de Escuro, Poeira e Luz	306
Limiar Entre Gesto e	309
Esquecimento	309
Sussurros e Segredos ao Contrário	312
Histórias de Luz e Poeira	318
Outra Luz, Outra Vez... e Ela	324
Verdades e Reflexos Quebrados	328
Cão, Histórias e Fragmentos	332
Entre Escolhas, Sombras e	337
Sementes	342
Um Tapete e a Cor Errada	349
Poeira Entre Chão e Pano	354
Entre o Não Dito e a Verdade	360
Vínculos, Sabores, Brilho e	367
Coragem	370
O Tempo Entre os Dedos	377
Luz, Âmbar e um Gole no Tempo	384
Toque, Tempo e Presença	389
Sombra, Cansaço e Espera	394
O Inteiro, o Fragmento e o	398
Desalinho	398
Silêncio Cinza sob Luz Carmim	398
Allegro, Broa e Gelo Fino	398

Entre o Lago e a Crisálida	403
Fechada	407
O Vazio, a Nota e o Ato	410
Memória Entre a Raiz e um	413
Pedido	419
O Fundo, o Vazio e a Queda	425
Distância, Trovão e Palavras	430
Perdidas	435
O Chão Entre a Realidade e a	440
Preocupação	443
A Folha, o Arrepio e o Quase	445
Agora	450
Como se Fosse o Primeiro	453
Entre o Lenço, a Esperança e o	456
Labirinto	470
Círculos de Pegadas e Calor	477
A Lantervela, a Ferrugem e o	484
Silêncio	490
A Rocha, a Ruína e o Silêncio	495
Depois do Sono e da Sombra	499
Memória, Poeira e Coração	502
Entre o Medo, a Raiz e a	506
Culpa	510
O Portão, a Fuga e a Volta	510
O Mundo, o Eu e o Molde	510
Abraços, Caminhos e	510
Fragmentos de Luz	510
Pegadas Entre Sombras e	510
Tempo	510
Respiração, Sementes e Poeira na	510
Luz	510
Quando Tudo Silencia	510
A Travessia, o Chão e o	510
Sonho	510
O Tempo que Permanece	510

01. AVENIDA DO SILÊNCIO

(Narrado pelo Tempo)

A manhã parecia ter despertado devagar — como quem se levanta sem pressa, arrastando consigo os cobertores frios do inverno. A luz era suave, quase tímida, como se o sol hesitasse em abrir seus olhos por completo. E ali, na avenida arborizada, tudo estava envolto em um manto morno, esmaecido, feito de sombras longas e gestos suspensos no tempo.

As árvores, altas e antigas, balançavam os galhos com leveza. Eram como senhoras idosas cochichando entre si, com folhas secas repousadas como xales puidos sobre os ombros. O vento passava entre elas com um sussurro, carregando o cheiro de pão recém-assado, de terra úmida e de uma cidade que ainda despertava.

Os prédios, entre oito e dez andares, contemplavam tudo em silêncio, suas fachadas de tijolos vermelhos manchadas pelo tempo e pela história. Rebocos gastos, rugas de um rosto que já viu de tudo. As escadas rangiam, mesmo sem ninguém. Portas de madeira lascadas e janelas com cortinas desbotadas. Havia uma beleza discreta ali, daquelas que a gente só percebe quando para por um instante.

Era um bairro operário, desses em que o tempo passa mais devagar, e tudo ali carregava um pouco de suor e de memória. O comércio, simples, abria as portas com humildade: a padaria com sua vitrine embaçada, o armarinho de letras desbotadas, o mercadinho que fiava mais do que vendia. E a rua — quase vazia. Apenas alguns poucos e sonolentos carros, ainda presos aos seus próprios sonhos. Outros, com sorte, escorriam preguiçosos pela ladeira, como um riacho sereno, parecendo também carregar o peso da manhã.

A encosta suave fazia com que os prédios da parte alta parecessem vigias silenciosos, mais altos, ainda mais atentos. E o sol, que espiava de canto, lançava seus raios oblíquos, desenhando sombras que deslizavam pelas paredes, escondendo detalhes, revelando outros. Era como se tudo estivesse coberto por uma camada de mistério e ternura.

No meio disso, uma moça adolescente andava apressada, falando

ao telefone com aquele tom quase distraído, e ao mesmo tempo impaciente, como quem está sempre um passo à frente do próprio corpo. Atrás dela, ou melhor, quase arrastado pela irmã, vinha seu irmão, ligado a ela mais pelo laço que os unia do que por vontade própria. Tinha o casaco aberto e o olhar vago, tropeçando nos próprios passos, nos pedacinhos de mundo que via pelo chão.

Eles eram movimento naquele quadro quase imóvel. Ainda assim, não quebravam o encanto — pelo contrário, o tornavam vivo. Pois ali, naquela avenida de inverno... até o silêncio sabia onde pisar.

Enquanto o Tempo, que tudo observava sem pressa, inclinava-se levemente — como quem percebia, antes de todos, que algo estava prestes a ser visto — e atravessado...

AMOSTRA



02. O LIMIAR ENTREABERTO

(Narrado pelo Tempo)

Aquela era uma manhã linda e ensolarada de fim de outono, — o sol ainda distante, espalhando sombras alongadas pelas copas das árvores e pelas frestas dos prédios.

Fazia frio, e o menino foi obrigado a agasalhar-se bem. Mas, se lhe perguntassem naquele instante, diria sem pestanejar que estava soterrado sob um mundo de roupas — todas, segundo ele, absurdamente desnecessárias.

O menino estava irritado e com fome — já era quase hora do almoço — e sua irmã seguia puxando-o pelo braço como se ele fosse um carrinho de compras, enquanto tagarelava sem parar... até que ficou silenciosa de repente.

O menino estacou ao lado da irmã, que permanecia ali, os ombros tensos, a testa franzida, discutindo com alguém do outro lado da linha, como se quisesse atravessar pelo telefone mais do que apenas palavras. A voz dela, antes apenas apressada, ganhava um tom cortante, como quem precisa domar as palavras antes de deixá-las sair.

Ficou vermelha. Em seguida, explodiu repentinamente ao telefone — e foi nesse instante que largou o braço dele.

Ele a observou por um instante, confuso, mas já estava acostumado com o humor dela, então permitiu que seus olhos curiosos passeassem.

Naquela avenida comprida e quase imóvel, tudo parecia quieto demais. Mas havia coisas escondidas na quietude — ou talvez apenas coisas que sabiam se disfarçar bem demais. Ele não sabia dizer por que olhou naquela direção. Talvez o vento, talvez uma cor fora de lugar. Ou talvez fosse só o tempo escorregando, como escorrem os minutos longos de uma manhã fria — estendidos lentamente como sombras que crescem em silêncio.

Foi então que viu o portão.

Estava ali, entre dois prédios do lado de cima da rua, onde a calçada subia num ângulo preguiçoso. Um portão largo, de ferro

envelhecido, folha dupla, com as dobradiças já enferrujadas. Não estava escondido — estava bem ali, no campo de visão de qualquer um que olhasse com atenção. Mas ninguém olhava. Sua cor se confundia com a dos tijolos ao redor, com os rebocos gastos, com a sombra desenhada pelo sol oblíquo. Era como se tivesse sido inventado para desaparecer. Um portão invisível, não porque fosse impossível vê-lo, mas porque ninguém se dava ao trabalho de olhar.

E estava entreaberto.

Aquilo bastou. O menino olhou uma última vez para a irmã — ela nem percebeu. Ele então deu alguns passos hesitantes, atravessou a calçada e empurrou o portão com ambas as mãos. O portão se abriu com um gemido longo e enferrujado, como se despertasse de um sono comprido demais.

Do outro lado havia uma passagem estreita, com cerca de trinta metros de comprimento. Um corredor de concreto sem graça, ladeado pelas costas cegas dos prédios. As paredes subiam altas e nuas, lembrando os muros imensos dos castelos dos contos de fada que sua mãe lhe contava antes de dormir. As janelas — pequenas — se empilhavam desordenadas — janelas de cozinhas, de banheiros. Não havia cor, som ou pressa. Lá em cima, o céu era apenas uma faixa azul fria, riscada por sombras verticais.

No fundo, um pátio quadrado e sem charme. Lixeiras grandes, enferrujadas, com pinturas descascadas, presas às paredes, e outras menores, de plástico preto ou verde, com algumas sacolas rasgadas, e aquele cheiro azedo e morno de resto de vida — como se ali o tempo também se deteriorasse, junto às sombras do lixo.

O cheiro era forte, mas não o deteve.

Para o menino, aquilo era território novo. Mistério. Descoberta.

E ele entrou... sem pressa.

Restos de papel e folhas secas cessaram sua dança no vento, como se o Tempo, contido por aquele passo que mudaria tudo, prendesse a respiração antes de segui-lo.



03. ECOS DE POEIRA E SOMBRAS

(Narrado pelo Tempo)

Ele caminhava devagar, arrastando os pés como quem não quer perturbar o chão. O portão se fechou atrás dele com um estalo abafado, como se o mundo lá fora tivesse virado uma lembrança fina como um sopro. A passagem parecia ainda mais longa agora que ele estava dentro — e mais fria também. O ar tinha um cheiro metálico e sutilmente doce, como lembranças envelhecidas, guardadas em roupas esquecidas por tempo demais.

Enquanto andava, ouvia os sons da vida dos prédios. Não eram muitos, nem claros. Um tilintar de panela aqui, uma descarga ali. Risadas abafadas. Palavras soltas — algumas doces, outras secas. Vozes que se cruzavam sem jamais se encontrar. Brigas murmuradas. Gente cozinhando, vivendo, lavando a louça do dia anterior, um prato caindo, vibrando levemente no chão...

Nada daquilo chamava sua atenção. Era como o fundo de uma música que se escuta sem escutar.

Mas então ele parou.

No fundo da passagem, onde o pátio quadrado aguardava quieto entre as paredes cinzentas, algo se mexia. Primeiro ele pensou ser um cachorro, desses que fuçam o lixo atrás de ossos e sorte. Mas havia algo estranho no jeito da criatura se mover. Era rápida demais, leve demais. E não era bem um cachorro. Parecia... menor, dobrado, como um homem encolhido, mas de proporções irreais. A pele, se é que se podia chamar assim, era cinza, opaca. E uma cauda fina e amarelada balançava atrás dela, como um galho seco fustigado pelo vento.

O menino franziu a testa. Deu um passo. Depois outro.

A criatura se comportava como se não o notasse. Continuava remexendo as lixeiras com pressa, como se buscasse, ávido, algo que já devia ter se revelado. Sob o toque apressado na tampa entreaberta, um rangido fino ecoava. As mãos — ou patas, o menino não sabia dizer — eram ágeis, quase nervosas. Ele tentou ver melhor, inclinando o corpo para frente, e foi aí que a criatura finalmente pareceu percebê-lo.

Num só movimento, ela se virou, segurando algo junto ao peito, como quem se fundisse com a sombra. O menino não conseguiu ver o que era. Mas viu os olhos. Dois pontos pequenos, fundos, como se estivessem acesos por dentro. Um segundo apenas.

E então ela desapareceu.

Não correu. Não pulou. Não se escondeu.

Sumiu — como se nunca tivesse estado ali.

Como se o próprio ar a dissolvesse em silêncio.

O menino ficou parado, o coração apertando-se devagar dentro do peito, não exatamente de medo, mas de um espanto surdo, preso entre o peito e a garganta. A luz fria da manhã ainda caía oblíqua, mas parecia mais pálida agora. As lixeiras balançavam levemente, e uma tampa tombada rodava no chão como um pião cansado de girar.

Ele não sabia o que tinha visto. Nem se tinha mesmo visto.

Mas sabia que alguma coisa, estranha e impossível, estivera ali.

Chegando lá, olhou de um lado, depois do outro. Havia lixeiras de diferentes tamanhos, algumas tombadas, outras cheias até a borda. Ele contornou uma, depois outra, como se esperasse que a criatura o aguardasse, disfarçada entre as sobras — e as sombras.

Se abaixou, espiou sob uma das lixeiras maiores e viu algo curioso — um espaço.

Um pequeno vão entre duas delas, escuro e apertado. Como um cantinho esquecido até pelo lixo.

Se esgueirou devagar por ali, os joelhos raspando no chão áspero. E então viu: uma dobra na parede, disfarçada pelas sombras e pela posição da lixeira, como se o lugar tivesse sido feito para jamais ser notado. Ali, entre rachaduras antigas e tijolos gastos pelo tempo, havia um buraco.

Não um buraco redondo, limpo ou simétrico. Era irregular, uma parte da parede que tinha desabado ou sido quebrada há muito tempo. Mas era grande o suficiente para algo do tamanho daquela criatura passar com facilidade. E para um menino como ele, parecia um portal — um convite sussurrado de dentro da parede.

Ele hesitou por um segundo, mas o silêncio que vinha do outro lado era mais instigante do que qualquer perigo. Se aproximou, ajoelhou-se, e enfiou a cabeça dentro do buraco.

A escuridão era quase total, mas seus olhos começaram a se ajustar. O espaço do outro lado se alargava como um túnel, com paredes que pareciam feitas da própria ossatura dos prédios acima. Pilares, vigas antigas, concreto marcado pela umidade e pelo tempo. E lá, mais à frente, viu a criatura.

Estava ali, de costas, resmungando um idioma sem palavras, como ruídos antigos. Os sons batiam nas paredes como sussurros velhos, como se o lugar também falasse junto dela. E então — de novo — ela desapareceu.

Como antes. Sem correr. Sem se esconder. Apenas deixou de estar.

Ele não pensou. Crianças raramente pensam quando o mundo as presenteia com mistério.

Apoiou as mãos no concreto, apertou os olhos, e passou pelo buraco.

Do outro lado, o ar era mais frio, mais pesado. As paredes o cercavam como se se prolongassem em infinitas direções. Era um labirinto repleto de poeira espessa, que absorvia qualquer som que ousasse nascer. Um ventre antigo sob os prédios, urdido de esquecimento e sombras. Um lugar enterrado há tanto tempo que nem os velhos do bairro se lembravam de sua existência.

Lá em cima, o sol ainda brilhava timidamente. Mas ali, entre pilares e corredores escuros, o tempo parecia outro.

E aquilo, de algum modo, era apenas o começo.

Pois, no momento em que atravessava a dobra da parede, o mundo suspendia sua respiração, e cada sombra passava a sussurrar que o tempo ali seria outro — mais lento, mais profundo — como se respirasse junto com ele.



04. DO TEMPO E DA ESCURIDÃO

(Narrado pelo Tempo)

Andou por um tempo que não soube medir — minutos, talvez. Horas. Ou dias. Não havia sol, nem relógio, nem qualquer sinal do buraco pelo qual entrara. Tampouco sinal ou mesmo um eco da criatura.

A luz que se infiltrava por trás das sombras havia sumido, e agora tudo era feito de um breu espesso, quase tangível — que respirava com ele, pesado e úmido como memória esquecida.

Lá fora, as nuvens se empilhavam, o inverno se aprofundava, e o pátio das lixeiras se dissolvia na penumbra. Mas ali embaixo, no ventre esquecido do bairro, era como se o tempo tivesse estancado — ou se recusado a descer, aprisionado no silêncio que grudava na pele.

Desorientado, o menino procurava a saída, mas cada caminho parecia o engolir mais fundo. Estava cansado, com sede, com fome, e o medo — aquele medo escuro, frio, solitário — começava a crescer dentro dele.

Sentou-se junto a uma parede qualquer — ou o que parecia ser uma — e se encolheu. Abraçou os próprios joelhos.

Tentou lembrar do quarto, da cama, das histórias sussurradas no escuro pelos pais antes de dormir — enquanto o cheiro de pó e umidade se misturava às suas memórias. Histórias de bichos falantes, de florestas mágicas, de meninos que eram mais corajosos do que sabiam.

Foi quando ouviu — ou pensou que ouviu — uma voz, baixinha, quente, sussurrando junto à sua orelha, como se o próprio ar vibrasse com as palavras:

"Acostume-se com a escuridão para ver a luz."

Um adulto talvez tivesse se desesperado. Achado que enlouquecera. Mas ele era criança. E as crianças sabem que a realidade não é uma coisa só.

Trêmulo, respirou fundo. Sacudiu a poeira que só sentia, mas não via, grudada nas roupas, nas mãos, no rosto. E ficou de pé, sentindo o ar úmido e pesado envolvendo cada gesto. Fechou os olhos devagar, quase por completo, como se, ao apagar o pouco que via, pudesse

enxergar melhor.

Mas o som da água chegou primeiro — antes mesmo da visão se acostumar com o escuro. Vinha em fragmentos, como se o espaço ao redor fosse um corpo oco, e os canos, suas veias invisíveis. Às vezes, era um gotejar tímido, insistente, como lágrimas esquecidas escorrendo do teto; outras, um rugido surdo, vibrante, como um rio comprimido serpenteando sob camadas de concreto. O menino não sabia, mas caminhava sobre as tripas silenciosas dos prédios, e tudo ali, no fundo daquela escuridão, sussurrava através da água, vibrando contra a pele e os ossos do menino.

Ele se moveu, sem saber se avançava ou retornava. Não havia direção — apenas o chão, irregular, murmurando um alerta constante porque o piso de terra batida não era firme — entrecortado, com zonas afundadas pela umidade e outras endurecidas, rachadas, ressecadas como a pele de um tempo que custa passar. Aqui e ali, pedras soltas, pedaços de tijolo, tábuas com farpas e pregos oxidados. Formas que sugeriam perigos e desafios ocultos na escuridão, e talvez algo mais.

O menino afastou a imaginação com uma bronca — não havia outra escolha. Precisava seguir — e deu outro passo vacilante, como se o chão se escondesse dos seus pés.

Tudo era recoberto por uma poeira espessa, grudenta, como se o tempo tivesse encharcado a sujeira e, ao se retirar, deixado para trás uma pele grossa, muda, que abafava os sons. Cada passo era como pisar em algodão sujo: sem estalo, sem eco, como se o lugar inteiro tentasse apagar sua presença.

Era um silêncio feito de camadas — não o da paz, mas o da espera.

Um silêncio espesso — que ouvia de volta.

Um silêncio que o envolvia, que respirava junto com ele, como um convite sutil a ir, sem pressa, para onde a escuridão já começava a ceder espaço ao desconhecido.



05. UM CAMINHO SEM CAMINHO

(Narrado pelo Tempo)

Ele não tinha medo, não ainda. Era mais uma insegurança leve, quase excitante — como sacudir um pacote de presente, tentando adivinhar o que se esconde lá dentro. Cada passo fazia com que a imaginação saltasse, e a cada movimento, o coração do menino acelerava, inquieto com o que poderia estar à frente, como se o próprio ar ao seu redor estivesse se fechando sobre ele.

Ele queria ver, queria saber... mas não queria, e isso aumentava a angústia, como se o presente estivesse prestes a se abrir de repente, revelando algo que ele não podia controlar. O chão poderia escorregar sob seus pés, um objeto rolar inesperadamente ou a parede, mais próxima do que parecia, desvia-lo do caminho.

A escuridão não era apenas ausência de luz, era um tecido vivo, repleto de camadas que se moviam, onde cada dobra escondia algo que ainda não tinha nome, como se o ar se tornasse mais espesso, encharcado de uma textura própria que grudava na pele.

E então viu.

Não uma luz. Mas uma sombra que era menos sombra — uma fronteira.

Contornos suaves de paredes e pilares emergiam a sua frente, como se o lugar, paciente e antigo, também estivesse, enfim, abrindo os olhos. E ali, adiante, havia um caminho, sulcado pelo tempo. Não iluminado, apenas respirável.

Lá fora era inverno. Mas não havia neve, nem beleza. O frio era seco, com cheiro de ferro e folhas mortas, e o vento, que na rua tinha dedos longos que beliscavam a pele descoberta, ali parecia estar retraído, se escondendo, como temesse a escuridão. Tudo era diferente, mesmo assim, ele andava. O medo morava com ele, mas não o detinha. Era um medo que pulsava por dentro — provocando, em vez de conter.

Ele seguiu. Encostado às paredes, se arrastando devagar, os olhos semicerrados. O calor ali dentro era úmido, pesado, como se o labirinto tivesse um pulmão próprio, quente e mofado. Suava por baixo das